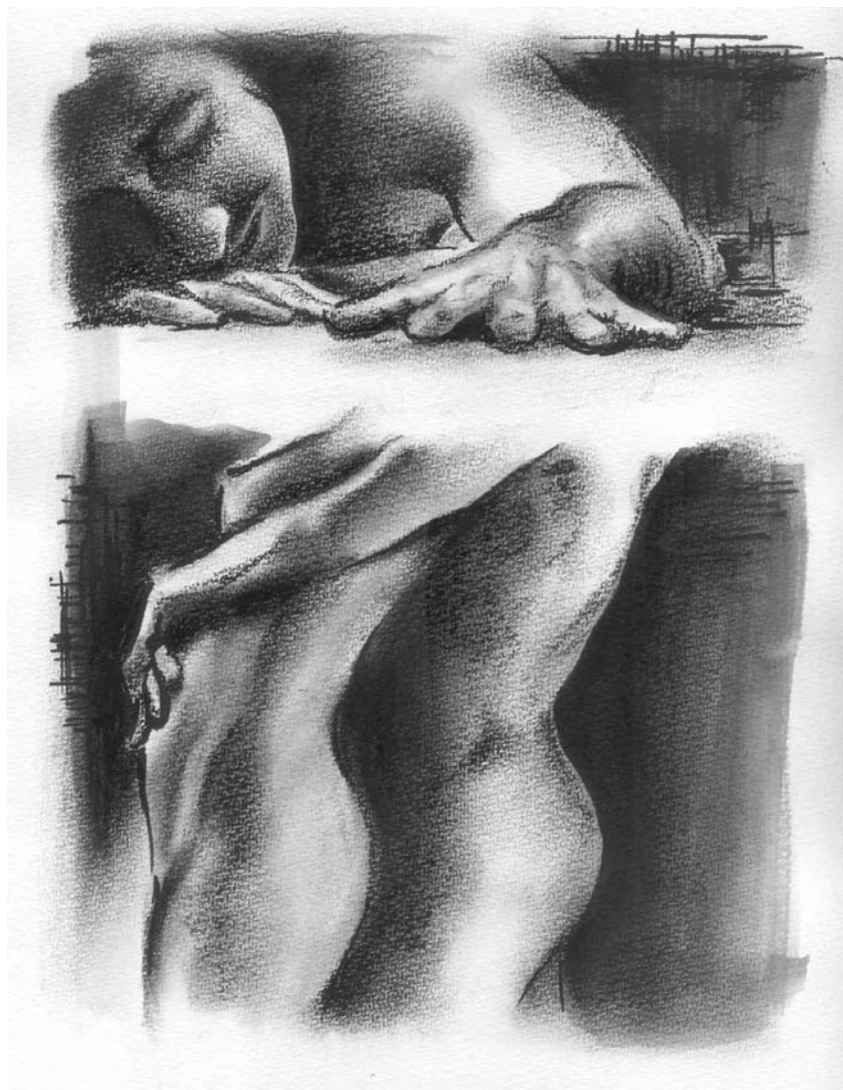


Palavras...



...do Amor

Se eu te dissesse...

Se eu te dissesse, que tinha frio,
Cobrias-me com teus braços,
Ou corrias a tentar parar o vento?

Se eu te dissesse, que tinha calor,
Abrias a janela,
Ou tentavas apagar o sol?

Se eu te dissesse, que tinha fome,
Repartias o teu pequeno pão comigo,
Ou saías para comprar comida?

Se eu te dissesse, que tinha sede,
Davas-me um beijo molhado,
Ou ias à fonte buscar a água mais fresca?

Se eu te dissesse, que estava escuro,
Iluminavas-me com os teus olhos,
Ou ias comprar candeeiros?

Se eu te dissesse, que não conseguia ver,
Ficarias a meu lado para me guiar,
Ou oferecer-me-ias uma bengala?

Se eu te dissesse, do medo que mora em mim,
Davas-me as mãos,
Ou ias espantar os fantasmas?

Se eu te dissesse, da solidão que me invade,
Abraçavas-me em silêncio,
Ou telefonavas a todos para virem?

Se eu te dissesse, da tristeza que me assola,
Acariciavas-me a face,

Ou contratavas um palhaço?

Se eu te dissesse, da vontade de chorar,
Choravas comigo,
Ou contavas piadas?

Se eu te dissesse, do silêncio que trago em mim,
Sentavas-te ao meu lado compartilhando-o,
Ou ias pôr música a tocar?

Se eu te dissesse, da dor que tenho no peito,
Procurarias saber da razão,
Ou chamarias um médico?

Se eu te dissesse, da saudade dos que partiram,
Davas-me a tua companhia,
Ou tentarias substituí-los?

Se eu te dissesse, do amor que sinto,
Retribuirias na mesma forma,
Ou ficavas de peito cheio?

Se eu te dissesse, das minhas razões,
Tentarias compreender-me,
Ou contraporias com as tuas?

Se eu te dissesse, da minha vontade de partir,
Irias fazer as malas para me acompanhar,
Ou tentarias convencer-me a ficar?

Se eu te dissesse, o tudo de mim,
Dir-me-ias o tudo de ti,
Ou ficarias apenas a ouvir?

Se eu te dissesse,
Que não quero bens,
Apenas quem me acompanhe...

Se eu te dissesse,
Que não quero impossíveis,

Apenas gestos simples...

Se eu te dissesse,
Que não quero razão,
Apenas compreensão...

Se eu te dissesse,
Que não quero palavras,
Se tiver um olhar...

Se eu te dissesse,
Tudo isto...
...O que me dirias tu?

Eu provavelmente falava-te...

Eu?

Eu provavelmente falava-te,
Do calor tépido que de mim emana,
Que em mim está sempre presente,
Por te saber aí,
Por te saber assim,
Por te ter,
Tão completamente,
Absorvida em mim.

Esse mesmo calor,
Que ao toque dos teus dedos inflama,
Que só de olhar-te aumenta a chama,
Deixando-me em tão completo ardor,
Que me chega a fazer questionar,
O porquê deste tanto amar,
Qual a sede de todo este Amor?

Eu provavelmente falava-te,
Que as necessidades físicas
Quase não existem,
Quando nos alimentamos de um sentir,
Tão forte,
Tão pleno,
Que nos tira por completo a fome,
Nos ilumina o ser,
Nos mostra o caminho,
Nos faz rir dos medos,
Nos enche de alegria
Provocando-nos um sorriso contínuo,
Nos enche os ouvidos com os sons do mundo,
Que até então sequer eram sentidos.

Eu provavelmente falava-te,

Deste sentimento,
Que nos faz esquecer toda e qualquer dor,
E nos preenche as saudades,
Pois é tão pleno,
Tão absorvente de energias,
Que não deixa lugar para outros,
Que por serem menos "nobres",
Não têm lugar em nós.

Eu provavelmente falava-te,
Da minha aprendizagem,
De que no Amor,
As razões pouco interessam,
Que as vontades são Maiores,
Que as coisas simples são as mais complexas,
Que o impossível se torna possível,
Que o Nós é bem Mais do que o Eu,
E que eu não preciso de te tentar compreender,
Pois Tu...

Tu és parte de mim,
Estás-me no sangue,
És-me intrínseca,
E que por isso...

Por isso eu não estou sempre a teu lado,
Mas sempre, sempre em Ti,
Como Tu, igualmente, sempre em mim!

E eu...
Eu não preciso de te dizer,
Eu não preciso de te falar,
Eu não preciso de me fazer notar,
Perante ti,
Com bens, gestos ou palavras,
Porque tu estás,
No início dos meus pensamentos,
No fim do meu olhar,
E é lá,
Sempre lá,

Que tu me aconteces,
Naquele fio de tempo,
Em que olhos nos olhos,
As nossas almas,
Conversando em surdina
Uma com a outra,
Silenciosamente
Se fundem,
E renascem conjuntamente,
Dia após dia,
Num acto único,
A duas mãos,
Que unidas,
Podem calcorrear todos os caminhos,
Alcançar todos os objectivos,
Ser em tudo a unidade,
Que faz,
Que consegue,
Que acontece,
De uma forma,
Simples,
Mas completa.

Eu?

Eu provavelmente falava-te de tudo isto...

Simplesmente,
Se tu me dissesses!

Palavras...



...do Depois

Ainda

Ainda guardo na memória da pele,
O calor dos teus dedos,
Percorrendo o meu corpo,
Num misto de exploração
E carinho extremo,
Únicos,
Até hoje.

Ainda guardo na memória do sabor,
A avidez na entrega plena dos teus beijos,
Esse mais querer de mim,
Que empregavas em todos eles,
E que me faziam sentir mais,
Muito mais e melhor,
Que eu próprio,
Em mim próprio.

Ainda guardo na memória das mãos,
As formas do teu corpo,
Que em perfeitas dádivas de ser,
Com o meu comungava na entrega,
Nos silêncios que a paixão irrompia,
Ecoando na noite sons de nós,
Tão de nós,
Só de nós.

Ainda guardo na memória do ouvir,
As brisas do teu respirar,
Que nos meus ouvidos,
Em turbilhões,
Alimentavam emoções,
Quereres maiores de nós,
Quereres maiores de ti,
De ti,

Em mim.

Ainda guardo na memória do tronco,
O aperto dos teus braços,
Naqueles sentidos abraços,
De união única e perfeita,
Plena de viver e sentir,
Sempre ansiando o porvir,
E sempre esse querer contigo estar,
Nos meus braços para sempre ficar,
Numa demonstração única de amar,
Numa forma muito própria de sentir.

E...

Ainda te sinto!
Em cada espaço entre as palavras,
Em cada pausa após a vírgula,
Em cada fracção de silêncio do olhar,
Em cada reflexo da lua na noite,
Em cada tudo...
Em cada nada...

Ainda,
O tudo...

Ainda,
O tanto...

De ti...
Em mim!

Palavras

Com as cores das palavras,
Que rasgando ecos,
Atiras contra o meu peito,
Pinto as paredes do meu ser,
Que embora sendo estreito,
Insiste em todas acolher.

E com uma força capaz,
De arrancar pedras tumulares,
Absorvo-as de forma voraz,
Antes mesmo de te escapares,
Para mais tarde sem sequer as ouvires,
Teres a audácia e a vontade,
De na sua integral totalidade,
Simplesmente mas repetires.

E é de peito aberto,
Que recebo esse jorro,
De palavras que sussurrando me gritas,
Tão junto a mim, tão de perto,
Que só de as ouvir sinto que morro,
Deixando as próprias paredes aflitas.

Paredes de múltiplas cores,
Paredes de múltiplos tons,
Paredes não uniformes, disformes,
Paredes de mim e de ti,
Paredes cujo início nunca conheci,
Paredes cujo fim, nunca antevi.

E tu pintas e repintas,
Essas paredes que existem de mim,
E tu passas e repassas,
As palavras com as cores de ti,

E por entre graças e desgraças,
Vais deixando manchas tuas,
Por vezes feitas apenas de mãos nuas,
Umas aqui. Outras ali.

Um dia se calhar fecho o peito,
E não mais deixo as cores entrar.

Um dia se calhar intento o feito,
De com uma única cor as paredes pintar.

Um dia será o branco ou o preto,
A cor que irá ficar.

O Vermelho sangue, ou o Azul céu,
A que acabará por dominar.

Mas enquanto esse dia chega e não chega,
Enquanto esse dia se demora no vagar,

Eu vou ficando a receber,
De peito aberto todas as cores,

Que com as tuas palavras queiras pintar,
Todas as paredes deste meu ser,
Que por ti...
Em acto eterno e contínuo,
Parece não se cansar,
De querer ficar a esperar!

Penso-te

(Domar o Pensamento – Parte 1)

Como um respirar,
Automático,
Autónomo,
Necessário à vida:
Hoje, eu penso-te.

Como uma brisa morna,
Que me aquece num dia de frio,

Como um raio de sol que me espreita,
Por entre as nuvens densas de chuva,

Como o reflexo do luar espelhado no mar,
Que me brinda surpreendentemente,
No final de uma curva,

Como o destino a atingir,
No final da viagem que já vai longa,

Como a voz que quero ouvir,
Do outro lado do toque do telefone,

Como tudo aquilo,
Que me surpreende,

Como tudo aquilo,
Que me agrada,

Hoje,
Eu penso-te!

Penso-te,

E penso naquela noite.

Penso-te,
E penso nos teus beijos,
Que não me mataram a sede de ti,
Mas que a aumentaram à medida que ocorriam.

(E sinto a tua boca ainda na minha...)

Penso-te,
E penso na tua pele,
Onde cada passeio de lábios,
Incentivava mais uma viagem.

(E consigo sentir ainda o teu sabor...)

Penso-te,
E penso no teu pescoço,
Que em cada arquear se expunha,
Convidando a mais um saborear.

(E o seu odor ainda me invade...)

Penso-te,
E penso nos teus lóbulos,
Transformados em centro de prazer,
Onde a minha língua se deliciou.

*(E ainda ouço a tua voz a dizer para parar,
Num tom, revelador do desejo que continuasse...)*

Penso-te,
E penso nas tuas palavras soltas,
Frases de desabafo e desejo,
Largadas em sussurro para a noite.

*(E o meu peito ainda se enche,
Por saber o prazer que te proporcionava...)*

Penso-te,

E penso nos teus olhos,
Que se cerravam para cada sentir,
De forma mais intensa e profunda fluir.

*(E ainda vejo as pálpebras no seu caminho lento,
Uma de encontro à outra...)*

Penso-te,
E penso no teu corpo,
Trémulo a cobrir o coração que palpitava,
Quando naquela noite, os dois fomos um.

(E só desejava poder abraçá-lo de novo...)

Penso-te,
E penso nas tuas mãos,
A percorrerem-me para me sentir,
E a de forma leve e suave,
Me acariciarem para por fim dormir.

*(E a minha pele arrepia-se no seu caminho
imaginado...)*

Penso-te,
E penso nos teus braços,
Entrelaçados nos meus,
Quando deitados, voltados para a janela,
Vislumbramos o céu pintado,
Com as cores do sol a nascer.

*(E ainda hoje quando fecho os olhos,
É sempre essa, a última imagem do dia...)*

Penso-te,
E penso naquela noite,
Que sendo só nossa,
Não queria acabar.

*(E que por mim se repetiria diariamente,
Até à noite de hoje e para todo o sempre...)*

Penso-te,
E quero-te pensar!

Lembro-te,
E quero-te lembrar!

Pois não te tendo,
Pensar-te,
É sentir-me vivo,
É sentir o sangue a correr-me nas veias,
É sentir o palpitar incontrolado no peito,
É sentir arrepio de pele,
É sentir odor de desejo,
É sentir tudo!

Mesmo não tendo nada!